



# GIL VICENTE

Semanário Monárquico-Integralista  
(Literário e Noticioso)  
Órgão e propriedade da J. M. Integralista Local  
Redacção e Administração:  
AVENIDA DO COMERCIO

VISITAÇÃO  
*Pardiez! siete arrepelones  
Me pegaron a la entrada  
Mas yo di una puñada  
A uno de los rascones  
VÁQUEIRO*

Director, D. José Ferrão  
Administrador e Editor, Domingos F. Guimarães  
Secretário da Redacção, M. A. d' Oliveira  
(a quem deve ser dirigida toda a correspondência)

Composto e impresso na TIPOGRAFIA TIRSENSE  
Rua Sousa Tropa, 49—SANTO TIRSO

## DIAS DE GLORIA

Na derrota sublime de 9 DE ABRIL triunfou a Raça como em Alçacer-Quibir



Pela vontade de Deus, o sangue do Soldado Portuguez  
ha-de operar o milagre da Redenção



## EXÍLIO MAIOR

A...

*Ourique!... Ourique!... sonho, éco da Independencia...  
Concha divina em berço hermoso — Lusitania!...  
Ourique!... Ourique!... em brado do Milagre ufania,  
Acorda, acorda a Raça em Sua Suma Essencia!...*

*Teu Portugal braceja, em morte tanta e tanta!...  
— Onde a Saúde morre e não vive e a Esperança!...—  
Em Tormenta larga e que nunca se cança  
De ir esquecer sem dôr Tua alma bem santa!...*

*Já caem tantos mais... Lá vão por França agora...  
São Mortos que se vão, fugindo a toda a hora,  
Sem uma campã amiga nem da Gloria a Asa!...*

*Oh, dôr suprema, basta!... oh, expiação tão dura!...  
Santo Deus meu, olhae!... — Maior desventura!... —  
Ourique!... Ourique!... escravo... em Sua Amada Casa!...*

Lisboa, 1 de abril de 1923.

Ponte e Sousa.

## A batalha de La-Lyz

### Mortos da França

Ficaram a dormir em cova dura  
longe da Patria que tão mal lhes quiz.  
Olhados nessa dôr que os desfigura,  
são mortos sem carinho e sem raiz.

Tristes fantasmas sob a noite escura,  
— tristes fantasmas sob os ceus hostis,  
ei-los a errar, pedindo sepultura  
às leivas maternas do seu paiz!

Por toda a parte ha ossos portuguezes,  
— (oh, sementeira, épica da raça!),  
jazendo em tumba incerta a mais das vezes...

Mas se uns caíram d'alma grande e forte,  
perdeu-se a vida destes, por desgraça,  
como se fosse um crime a sua morte!

Antonio Sardinha.

**C**AIA a noite, uma noite iluminada tragicamente, duma luz gritando morte acêsa, assobiando dôres epicas onde o sacrificio não tem equal sob a Europa em fogo.

Quantas vezes santa é essa noite horrivel, abençoando o suplicio maior da alma portugueza para maldição eterna da vileza liberal!...

Ainda á tarde aves lindas em raras vergontas se apoiavam, para exalçarem suas melodias melhores ante os ultimos destroços dum Exercito que viveu, elevando suas orações de gorgeios novos sobre as campas sem flôres, que aço enfarpado fustigava inclemente, e a terra já balançava macrabamente ha tres longos mezes.

O ponto culminante duma preparação tão alongada, para segurança melhor duma poderosa acção inimiga, chegava, trazendo por mensageiro maldito uma inclemencia maior.

A noite de oito para nove de Abril quem a viu não a sabe revelar!... Era uma alma santificada pelo martirio execrando, algemada em liberdade, respirando o ar compesino num carcere infecto, crucificando a Patria na derrota ou na victoria, morrendo-se a vêr morrer Portugal ás suas mãos, — na sua morte e na sua vida!...

Paradoxo tenebroso que a Terra agasalhou uma noite, naquela noite de luz que o combatente portuguez da Flandres recorda com remorso e com amor!..., naquele dia de escuridão que o matou e lhe deu vida!...

A Terra a soerguer-se em convulsões hediondas a beijar as ossadas dispersas, em santa religiosidade ajuntadas, dançando sacrilegamente sobre as tumbas que despejava entre gargalhares diabolicos!...

A guarda valorosa dum troço d'armas assassinando-se a espingardear o espaço numa defeza heroica que a sua traição ultrajava!...

Que lugubre horror em sublime epopeia abraçava a «ocidental praia luzitana»!...

E' Portugal sangrando horrores do suplicio sobre que a republica banqueteia miserias da orgia.

Assim foi o nove de Abril de 1918, epilogo simbolico da batalha de La-Lyz, onde tomou banho baptismal a Redenção da Patria de Camões.

Alberto Higinio da Ponte e Sousa.

EX-ALFERES DA FLANDRES

# O martirio da Flandres



CARLOS D'ORNELAS  
Combatente do C. E. P.

COMEMORA-SE hoje o 9 de Abril, o sangrento holocausto em que a carne portuguesa generosamente se ofereceu a um ideal a que era estranho.

Como combatente da Flandres não posso deixar de derramar neste dia uma lagrima pelos bravos que morreram no seu posto, pelos que, pela sua bravura e pelo seu sacrificio, souberam honrar a Raça, imolada aos interesses ilicitos dos *marchantes* da politica republicana. Mas tambem a lembrança desses martires me impõe que, juntamente com as lagrimas, venham as impressões; que, misturada com a prece sentida pelo repouso das suas almas, venha a maldição dos vendilhões que estrangularam a Patria e negociaram a sua honra e o sangue dos seus filhos.

A nossa intervenção na Guerra não teve o menor intuito patriótico, não houve nem uma razão pratica, nem um ideal superior que a animasse, que a impulsionasse.

A nossa intervenção na Guerra não passou de um negocio. A carne dos nossos soldados foi

traficada pelos politicos e pelos negociantes — como carne de gado para o Matadouro.

Por isso, se é para admirar a coragem indomita de belgas, de alemães, de franceses, a heroicidade extraordinaria e altissima dos portugueses deve fazer ajoelhar toda a gente.

Aqueles defendiam a Patria, o lar, a familia, a propria vida. Os portugueses não.

Portaram-se heroicamente, porque a heroicidade é uma virtude ingênita da Raça.

Preito aos Heróis e aos Martires — nesta hora em que se comemora o seu heroismo e o seu martirio.

Maldição aos que venderam a sua carne. Maldição aos que negociaram com o seu sangue. Maldição a este regimen cujo maior crime foi o *negocio* da guerra — da guerra feita contra os nossos legitimos interesses, da guerra que, com a república, constitue o factor mais importante da nossa ruina!

Carlos d'Ornelas  
(Combatente da Flandres).

SOLDADO português na Grande Guerra, mais uma vez demonstrou as suas assinaladas qualidades de combatente, honrando pelo seu heroismo o Exército e a Patria Portuguesa.

Fernando Freiria  
(Coronel).

## O Heroi Sacrificado

ESTIVEMOS sempre na 2.<sup>a</sup> Divisão, desde que ela se organizou em Fankembergues até que se desfez nos areais de Ambleteuse.

Com ela vivemos a tragédia dolorosa de 9 de Abril.

De tudo o que nesse espaço de tempo vimos e aprendemos, uma impressão nos ficou que domina todas as outras: — Vítima de erros politicos e de direcção cometidos, sentindo bem que aquela guerra não era a sua guerra, o soldado do C. E. P., atirado para França sem saber *porquê*, nem *para quê*, foi por isso mesmo mais admiravel no ignorado sacrificio a que se submeteu, mais heroi em defrontrar a morte, obedecendo e servindo em plena humildade de espirito e coração.

No regimen da Providencia o sacrificio voluntario dos justos e

dos humildes é necessario para contrabalançar e auxiliar os crimes dos grandes.

Terá sido suficiente a expiação sofrida?

Ignoramo-lo. Sabemos apenas que o humilde soldado de Portugal se sacrificou sem conto, nem medida, para resgatar erros que não eram dele.



Mapa da frente de batalha, indicando o avanço alemão de 9 de Abril

O 9 de Abril foi uma expiação, uma dolorosa expiação.

Nesse desastre o nosso soldado foi apenas vítima, não foi culpado.

A Historia saberá atribuir-lhe

a gloria a que tem direito, absolvendo-o de culpas que não são dele.

A Historia dirá que a 2.<sup>a</sup> Divisão, a pobre 2.<sup>a</sup> Divisão, cumpriu como poude o seu Dever, que, desde o seu valente e pundonoroso general até ao simples soldado, a 2.<sup>a</sup> Divisão não teve culpas no enorme desastre.

Erros que vinham de longe e do alto o causaram.

Não é pois a ela que se deve querer mal!

Vasco de Carvalho.

Do Estado Maior da 2.<sup>a</sup> Div. do C. E. P.

## "Serranos," heroicos!

AS virtudes heroicas da Raça Portuguesa, foram postas á prova na batalha de la Lys. Correu sangue, e a Morte roçou de novo sua aza negra sobre os rapazes heroicos de Portugal. Mas, como sempre, a aza negra da Morte, quando nos roça, é somente para fazer mais claro e mais rutilo o sol da Gloria!

Rezemos pelos mortos, louvemos os heróis: rezar pelos mortos e louvar os heróis são duas formas convergentes de entoar canticos á beleza da Vida e ao sacrificio nobre dos que a expõem ás balas, peito alevantado, em defesa de um enorme patrimonio moral que herdaram dos seus antepassados. Sim! Porque os rapazes que se bateram em França não foram heróis por defenderem a Justiça, a Liberdade, o Direito e a Civilização — tropos literarios-maçonicos que nada significam. Se os nossos soldados foram heróis, se eles se bateram como leões, se mais uma vez fizeram jorrar em caudais o seu sangue e mais uma vez, heroicamente, mordearam o pó da terra — foi porque a voz imperiosa do sangue exigia imperiosamente que eles assim fossem e assim fizessem: foi porque no seu sangue palpitava a mesma ardência e o mesmo fogo sagrado que alimentara o braço dos nossos ancestrais.

Não ser herói, recuar diante da morte, seria atraiçoar o patrimonio moral da Raça!

Rezemos pelos heróis que tombaram, louvemos os heróis que a morte poupou. Uns e outros bem merecem do nosso coração o reconhecimento das suas nobres virtudes, — porque todos eles não fizeram mais que prolongar na nossa geração as virtudes heroicas das gerações que nos precederam.

Carlos de Aqualva.

## A ÚLTIMA BATALHA

FAZ hoje cinco anos que o Soldado português, num rasgo infinito de desprezo pela Vida — forte e heroico — caiu coberto de Glória nos campos daquela França valorosa e sublime!

Eu vi! Eu estive na guerra — o meu Espírito acompanhou-o sempre — jamais o abandonando — quer nas horas mornas em que a luta era menos dura, quer nos momentos mais ousados e cruéis; e quando as balas assobiavam, no espaço, frias e agoirentas, o nosso Soldado, sorrindo para a Morte, oferecia-lhes o seu corpo... Beijos de aço rasgaram-lhe a Carne — tingindo com o seu precioso Sangue o ensanguentado solo da formosa Terra de S. Luis e de Joanne d'Arc!

Espírito forte e cristão, o nosso Soldado é bem o herdeiro das virtudes heroicas e sagradas dos Passados, que a fio de Espada e com os lábios em Oração, o Pensamento em DEUS, fizeram imortal este lindo pedaço de terra — cheia de Sol d'ouro, de pão e de flores — PORTUGAL!

Rezemos por Ele... Talvez que

as nossas Preces o vão encontrar, ainda, de joelhos, sob a terra húmida e fria, mordendo de raiva o seu negro pó, removendo mares de obstáculos ao seu Valor, á espera que o chamem de novo para dar batalha — a última —, mas agora aos inimigos de cá de dentro — filhos da sua própria Patria!

Os Mortos mandam nos Vivos, e quando é preciso eles tornam a ser Heróis e voltam á face da Terra — fortalecendo as almas sem fé, sem esperança...

Quem sabe?! Talvez que nesta hora que passa a sua Sombra vagueie — vigilante — pelos claustros da Batalha em comunicação com os seus irmãos de Armas — odiando os homens que não souberam poupar o seu esforço para ocasião mais própria...

Sim! O seu ódio é legítimo; e, porque o é, talvez que Ele diga aos seus companheiros as misérias que viu na Guerra, — misérias sem nome — e a vontade que leve de morrer...

Quem sabe? Quem sabe? A sua Sombra sempre vigilante não será a Sentinela daquele Amanhã que se aproxima bradando aos mortos que se ponham de pé, pois é a Hora do Sacrificio — a da Ressurreição Nacional?!

Creio que sim — e quem há-de vencer é o — REI!...

Domingos Ribeiro.

9 DE ABRIL não pode evidentemente representar uma victoria para as armas portuguesas, mas deve, sem duvida, ser sempre lembrado como uma lição de que muito ha que aproveitar sob todos os pontos de vista.

E' neste sentido que eu entendo que devem ser encaminhadas as comemorações daquele dia, recordando os mortos e educando os vivos.

Raul Esteves  
(Tenente-coronel).



CAPITÃO ANIBAL DE AZEVEDO  
Um dos bravos do C. E. P.

A BATALHA do Lys é o feito militar dos portugueses nos tempos modernos, mais notavel, e que melhor afirma as grandes qualidades da raça, o seu espírito patriótico e a sua tradição militar.

O soldado que possa dizer: — Estive na Batalha do Lys! pode ser considerado por todos da Nação como um autentico Herói.

General Gomes da Costa.

## MEDITAÇÃO HEROICA

SOLDADO que não tens nome, sombra da epopeia tragica, simbolo de miseria da raça moribunda, de que o mundo esqueceu o nome, soldado desconhecido, que por seres português nós sabemos que foste herói, eu estou com o teu espirito na eternidade que te transfigura, eu comungo na gloria purissima da tua alma.

Pobre soldado desconhecido, tu vivias nas dobras de uma serra

de Portugal esculpindo na face da Terra com o ferro da tua enxada um poema de amor, de humildade e de pobreza, quando o grande furacão da guerra te levou e abriste espantado os teus olhos na Flandres nevoenta, e os teus olhos procuraram em vão, atraz de uma linha de choupos esguios, um pouco do ouro do nosso sol!

A Flandres! Tu ouviras falar da Hespanha, tu ouviras falar da Afri-



GENERAL GOMES DA COSTA  
Comandante das divisões do C. E. P.

ca! E se um dia na tua ingenuidade e paz tiveste a ideia da guerra como fantasma terrível mas sem realidade, compreendeste acaso o erguer de lanças e chuços contra a fronteira ou a defeza brilhante da gloria colonial! Mas a Flandres! a Flandres das nevoas e das lamas, lodaçal onde se atolou gloriosamente uma nacionalidade!

O teu espirito não compreendeu a Flandres, e não o compreendendo, o teu espirito compreendeu na sua rudesza as necessidades da nação.

O teu espirito não compreendeu a defeza do direito e da liberdade e nessa falta de compreensão o teu espirito fechou-se por instinto aos grandes erros que são o castigo da preversão do homem falsamente civilizado.

Espantado como uma criança, ofuscado campeonamente nos contactos com esse mundo novo, amargurado de nostalgias, consciente de que eras traído, não eram só tristezas ou ingenuidades os sentimentos do pobre exilado; pouco a pouco, na forja do fogo, esse estatura mediana crescia, aqueles olhos negros se animavam e braços fortes se encurvavam. prontos a batalhar e a vencer. O guerreiro português despertava de um sono secular e ouvindo os arruvidos da guerra não perguntava se aquilo os trons eram de Aljubarrota ou as mogans do cerco de Lisboa, não perguntava se a guerra era justa ou de tração nacional; marchava avante, num forte bater de azas da vitoria, comandado pela voz imperiosa de um sangue heroico, sósinho, terrivelmente solitário no seu heroismo, por lhe faltar qualquer viatico de interesse ou de idealismo.



GENERAL GARCIA ROSADO  
2.<sup>o</sup> Comandante do C. E. P.

Pobre serrano português, quando o francês defendia o seu lar, o inglez o seu magnifico imperialismo, o belga as suas queridas ruínas, afinal só tu te batestes pelos principios, porque só tu te batestes pela honra da Patria, independentemente de qualquer representação material.

E como tu te batestes, meu querido irmãozinho morto, Lazaro chagado das trincheiras, imagem de Cristo na Cruz!... Eu te vi,



# ARTIGOS RELIGIOSOS

IMPORTADOS DIRECTAMENTE DA

## ALLEMANHA E FRANÇA

VENDEM:

**A. D. Marques, Limitada**

RUA DO OURO 200-4.º

**LISBOA**

## A TENTADORA

**Bernardino Almeida & Costa, L.ª**

FAZENDAS BRANCAS, MODAS E MIUDEZAS

ESPECIALIDADE EM BORDADOS DE GUIMARÃES

CAMISARIA, GRAVATARIA E PERFUMARIAS

120, Rua da Republica, 122 e 122-A

SEMPRE AS MAIORES NOVIDADES

EXPOSIÇÕES PERMANENTES

GUIMARÃES

## A CONFIANÇA

MERCEARIA, CONFETARIA E PAPELARIA

Especialidade em CHÁ E CAFÉ

VINHOS FINOS, LICORES E CHAMPAGNES

Depositarios das Aguas Bom-Jesus

**Ferreira & Martins, L.ª**

86 - RUA PAIO GALVÃO - 88

GUIMARÃES

## Materiais para construção

Deposito de cal, cimento, tintas, vernizes e artigos concernentes para pintor e caiador. A casa que mais barato vende

Amandio Teixeira de Carvalho - RUA DE SAMPAIO

## Cartilha Monarquica

## Cartilha do Operario

PREÇO DE CADA 400 REIS

Pedidos á administração do nosso jornal

## AO PUBLICO

Recomendamos os finissimos licores, xaropes, conhaques, genebras, o finissimo aniz cristalizado e o Ponche integral Dom Nuno fabricados com esmero por Alfredo de Oliveira

Vila da Feira

Todos os pedidos devem ser dirigidos ao fabricante ou aos seus representantes:

No Porto:

OLIVEIRA & MACHADO

R. de Passos Manuel, 71

- E A -

PEROLA DO BOLHÃO

Rua Formosa

Em Espinho:

CADILON & C.ª L.ª

181, Avenida, 8, 203

Na Beira Baixa:

JOSÉ VICENTE

ALFERRAREDE

## LEIAM

## A Nação Portuguesa

REVISTA MENSAL DE CULTURA NACIONALISTA

Director: DR. ANTONIO SARDINHA

Redacção e administração:

Largo do Directorio, 8 - 3.º - LISBOA

## GIL VICENTE

## GIL VICENTE

Ano IV N.º 135

2.ª Série N. 12

PREÇO DA ASSINATURA  
(Pagamento adiantado)

Portugal

Ano . . . . .	7\$500 reis
Espanha . . . . .	9\$500 >
Africa . . . . .	10\$500 >
Brazil . . . . .	12\$500 >
Numero avulso . . . . .	150 >

PREÇO DAS PUBLICAÇÕES  
(Pagamento adiantado)

Anuncios e comunicados, linha . . . . .	200 reis
Repetições, por linha . . . . .	100 >
Permanentes, contracto convencional	
Reclames, no corpo do jornal, até 5	
linhas, cada um . . . . .	1\$500 >
Anunciam-se as publicações que o mereçam,	
mediante dois exemplares gratis.	
Anuncios, não judiciais, para os srs. assinan-	
tes, 20 por cento de abatimento.	

Ex. Sr.